

## HOMENAGEM

Para João e Jésus:

## caminhos da construção democrática

Léa da Cruz

Procurei Drummond, vasculhei Drummond. Também Neruda cruzou essa busca por palavras do coração, pelo sentido do silêncio que fica. Por mais que andasse por páginas e páginas, voltei sempre ao “Mãos Dadas”. E não me pergunto a razão. Porque resposta clara não tenho. Só sei que a poesia me punge. Penso e vejo imagens no espelho... de mãos dadas:

Não serei o poeta de um mundo caduco.  
 Também não cantarei o mundo futuro.  
 Estou preso à vida e olho meus companheiros.  
 Estão taciturnos, mas nutrem grandes esperanças.  
 Entre eles, considero a enorme realidade.  
 O presente é tão grande, não nos afastemos.  
 Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.  
 (...)

O tempo é minha matéria, o tempo presente, os homens presentes, a vida presente.  
 (Carlos Drummond de Andrade)

Vamos de mãos dadas, sim, vamos. Porque elas são a imagem representativa de dois seres especiais. Dois irmãos. Duas margens de um riacho cuja nascente está nas Alterosas, com som de mineirês e sotaque presente, com uma doçura que lembra tacho de cobre em fogão de lenha. Mas, também, com a radicalidade de um vínculo forte aos princípios de construção do conhecimento, gente em quem a soberba não teve vez. Falo do João. E falo do Jésus. Um Baptista e outro Alvarenga. Os dois Bastos. Falo da João que conheci ainda no Mestrado da FEUFF, mestre que assumiu a turma deixada por Jésus, que passaria a dirigir o Centro de Estudos Sociais Aplicados, quando a estrutura da Universidade assim se apresentava. O mesmo João que me acolheu, de pronto, quando passei a fazer parte do quadro de professores da Faculdade, em 1988. Um acolhimento que trouxe desafios de leitura e discussões profundamente instigantes em seu grupo de trabalho. Falo do João com quem aprendi a construir projetos e rasgar estradas para discutir com diretores da escola pública a riqueza do seu chão, descortinando infinitas possibilidades para transformar a rotina engessada pela velha gestão em projetos vivos, marcados e marcantes pela perspectiva da construção democrática, para ele um bem maior, como o é hoje para nós. O mesmo João que nunca se acovardou, nem se encolheu diante dos desafios de transformação da sociedade e de uma educação pulsante como *soi dizer-se de* um desbravador que

garimpa preciosidades e acredita ser possível fazê-las brotar, um mestre para quem a educação se constitui como um bem inalienável e único na construção de um outro viver.

João, educador com alma de peregrino, fez da escola pública o seu campo, sempre. A educação e a democracia foram instrumentos de manutenção de laços profundos com a realidade da educação brasileira, em permanente aliança com os movimentos sociais, com as classes populares, sustentando sua ação em pilares que consideram a democracia o poder dos que, contraditoriamente, não estão qualificados para o poder. A contraposição entre dois mundos, o da igualdade e o da desigualdade, constituiu-se em seu trabalho o que alimentava sua força motriz. Por isso mesmo, com João a ultrapassagem da visão tecnocrática da administração escolar para a gestão democrática tornou-se viagem sem retorno, viagem obrigatória.

O compromisso com a democracia fez com que seu objeto de pesquisa, extensão e docência fosse ressignificado, fazendo da direção da escola um espaço de atuação convergente de múltiplas forças sociais, espaço onde é possível fazer emergir dos sujeitos presentes no cotidiano das instituições educacionais novos militantes de uma obra pulsante. Era João *'preso à vida, olhando os seus companheiros.'*

A radicalidade de sua base teórica transbordava para além da fala doce, porque o trabalho como ação humana estava sempre na perspectiva da crítica às práticas de exploração, de dominação e distinção de classe. Esse é o João, mestre em quem se via, para além de sua imagem física frágil e esguia, um gigante em luta a favor da educação e das classes populares, na contracorrente do movimento dominante. Mas uma luta com jeito doce de quem *'nutre grandes esperanças.'*

Como um DNA de origem, essa mesma marca estava em Jésus, a segunda margem. Para além da sala de aula, da solidez, solicitude e clareza na orientação, um mestre que sempre abriu espaço para que seus alunos e orientandos chegassem a patamares mais altos de conhecimento, de leitura da realidade e da educação. Uma segunda margem que não capitulou diante dos desafios. Um mestre que chegou à Universidade em anos sombrios, mas que a assumiu como missão. Jésus foi, na UFF e para a UFF, um elo na sua estrutura que fez da ação administrativa uma tarefa voltada para uma grande finalidade: o crescimento qualitativo. Seu trabalho nos espaços da estrutura acadêmica da Universidade foi, sempre, a garantia de que a instituição é um bem inalienável e fundamental em um país onde o avanço e o reconhecimento do valor e da importância da ciência são vitais para a sociedade. São duas margens de um curso d'água. Se de um lado estava a militância cotidiana de um intelectual orgânico, que fez de sua arte um processo de reconexão dos sujeitos com *a 'enorme realidade,'* na outra margem esteve, sempre, um outro militante, atuando na estruturação do campo

de trabalho, na ampliação das oportunidades, no crescimento qualitativo da Universidade, para além da consolidação de consensos, pelo reconhecimento da potência transformadora, sobretudo quando a vida pulsante se apresenta fazendo da dissonância e do dissenso sinônimos de democracia.

Entre as duas margens, um único e fundamental objeto: a educação. Porque, diriam João e Jésus, nutrindo grandes esperanças: 'o tempo é minha matéria, o tempo presente, os homens presentes, a vida presente.

João Baptista Bastos

Jésus de Alvarenga Bastos

PRESENTES!